ACOMPANHAMENTO NA ACÇÃO

A FIGURA DO ANIMADOR OU ANIMADORA DE VOLUNTARIADO

JULLY RODRÍGUEZ RODRÍGUEZ

CADERNO
VOLUNTARIADO

02

DESAFIO EDUCATIVO

banco de voluntariado
FUNDAÇÃO EUGÉNIO DE ALMEIDA

ACOMPANHAMENTO NA ACÇÃO

A FIGURA DO ANIMADOR OU ANIMADORA DE VOLUNTARIADO

JULLY RODRÍGUEZ RODRÍGUEZ

CADERNO
VOLUNTARIADO
02
DESAFIO EDUCATIVO

APRESENTAÇÃO

A Fundação Eugénio de Almeida acredita no Voluntariado enquanto valor e prática exemplar de uma cidadania activa, livre, responsável e solidária.

O Voluntariado é o resultado de uma opção pessoal de mudar a realidade social a partir do encontro com o outro. Nessa medida, a acção voluntária não se restringe ao campo social – onde a sua presença continua a ser indispensável -, mas alarga-se também à cultura, ao ambiente, à educação, à justiça, e a todas as outras dimensões da vivência humana.

Por outro lado, o Voluntariado é também uma escolha individual de desenvolvimento pessoal através da abertura a novas experiências e aprendizagens.

O Voluntariado tem vindo a assumir novas formas para responder às questões que continuamente emergem do tecido social, económico e político, de que são exemplo o voluntariado empresarial, o voluntariado de competências ou o voluntariado de proximidade.

E no entanto, os valores identitários do Voluntariado permanecem imutáveis, quaisquer que sejam as circunstâncias de tempo ou lugar. Falamos da solidariedade, da generosidade, da partilha, do compromisso responsável, da acção construtiva, da gratuitidade, do espírito de serviço.

A convergência da ética e da *praxis* do Voluntariado com a cultura institucional e a missão da Fundação Eugénio de Almeida fez com que esta o escolhesse como uma das suas áreas preferenciais de trabalho. É assim que, desde 2001, a Fundação desenvolve um projecto com vista à valorização e qualificação do Voluntariado e à criação de condições para o seu exercício efectivo.

Trata-se de um projecto amplo, transversal e continuado, orientado pela investigação-acção e para o desenvolvimento de novos modelos de actuação, com uma forte aposta na formação de voluntários e quadros das organizações.

Neste contexto, o voluntário é, ele próprio, o centro e o objecto de uma linha de acção integrada que passa pela motivação, pela formação geral e especializada, pelo enquadramento e acompanhamento no terreno, em suma, pela oferta de um itinerário formativo que permita ao voluntário crescer como pessoa e servir a comunidade.

O carácter diferenciador deste projecto da Fundação assenta na produção e sistematização de conhecimento enquanto factor estruturante da qualificação da acção voluntária. Destaca-se, como marco desta estratégia, a *Officebox do Voluntariado*, que disponibiliza uma metodologia e um conjunto de instrumentos operativos pioneiros em Portugal na gestão e animação de Voluntariado de Proximidade.

O Banco de Voluntariado da Fundação Eugénio de Almeida tem sido outro instrumento importante na implementação do projecto, funcionando como mediador activo entre voluntários e organizações, e animando uma rede onde a informação, o conhecimento e as oportunidades criam sinergias com impactos positivos na comunidade.

Paralelamente, a Fundação tem desenvolvido um conjunto de projectos de voluntariado em parceria com diversas instituições públicas e privadas.

O âmbito destas parcerias alarga-se também a outros níveis de colaboração aquém e além-fronteiras, disso mesmo dando bom exemplo a presente publicação.

Face à escassez de publicações sobre o Voluntariado em Portugal, quer do ponto de vista conceptual quer do ponto de vista prático, a Fundação considerou imperativo disponibilizar informação sistematizada sobre este tema. Nesse sentido, e com o apoio da Plataforma do Voluntariado de Espanha, apresenta um conjunto de

cadernos seleccionados a partir da colecção *A Fuego Lento*, da autoria de reputados especialistas espanhóis e editada por aquela Plataforma.

Estes cadernos, agora traduzidos e adaptados para Português, abordam um leque diversificado de temas e vão conhecer uma divulgação alargada, a partir da região de Évora para todo o país. A Fundação espera assim dar mais um contributo para a formação e qualificação dos diversos agentes envolvidos na prática do Voluntariado.

Estar na vanguarda da promoção de um Voluntariado qualificado é, para a Fundação Eugénio de Almeida, uma opção estratégica movida por uma forte convicção institucional: a de que só um Voluntariado qualificado pode tornar um compromisso individual num movimento colectivo com verdadeiro poder de transformação social.

COLECÇÃO «A FUEGO LENTO»

PARTINDO das diferentes entidades e plataformas nacionais* de voluntariado, temos vindo a reflectir em fóruns, Escolas de Outono e comissões de formação acerca da necessária actualização das nossas entidades sobre tudo o que tenha a ver com a formação de voluntários. A partir da nossa experiência e do diálogo em curso, vamos descobrindo a necessidade de nos ajustarmos a novas e imaginativas formas de conceber e pôr em prática este trabalho de formação. A nossa inquietação prende-se com a urgência em apostar nos processos educativos de longo alcance, que vão além da formação entendida como a mera transmissão de conteúdos ou de capacidades com vista a «preparar» os voluntários. Estamos convencidos de que os processos sob a forma de itinerário educativo respondem de uma forma mais integrada às necessidades tanto do voluntariado actual como da própria acção voluntária. Quando falamos de itinerário, não nos limitamos a um método de trabalho formativo, mas referimo-nos a uma vasta constelação de preocupações e ocupações quotidianas relativas a:

_ Questões relacionadas com os processos de formação dos voluntários;

_ Questões relacionadas com a acção voluntária;

_ Questões relacionadas com a organização do voluntariado;

_ Questões relacionadas com a criação de redes com terceiros.

*Nota do Editor: Referência às plataformas espanholas de voluntariado.

Gostaríamos de dar resposta a todas estas inquietações nestes cadernos, sabendo que os estilos educativos marcam e modelam as formas organizativas, os modelos de actuação e os tipos de coordenação com terceiros. Tudo isto requer grandes doses de paciência, flexibilidade e sentido de tempo educativo: um tempo que é *contracultural,* porque aposta necessariamente no *fogo lento,* e não no microondas dos cursos e *workshops* caracterizados pela pressa ou pela eficácia. Daí surge o título da nossa colecção *A Fuego Lento*, expressão de um compromisso educativo conjunto a longo prazo.

Nesta colecção pretendemos responder a três tipos de desafios com que nos deparamos actualmente.

1_ *Desafios educativos*, dado tratar-se de processos educativos que vão além dos espaços e tempos formativos tradicionais e que requerem visões do mundo e concretizações que devem conter uma clara perspectiva educativa.

2_ *Desafios organizativos*, dado que uma determinada forma de centrar os processos educativos no voluntariado constitui um modo concreto de entender a organização sociovoluntária, na qual todos somos afectados pelas linhas de actuação destes itinerários educativos, onde não só falamos de voluntários, mas também de animadores de voluntariado, de redes de animadores, de referências de grupo, etc.

3_ *Desafios transformadores,* dado que o voluntariado não é um gestor social, mas sim um transformador do ambiente que nos rodeia e um agente dinamizador que trabalha para obter condições de vida dignas para os mais desfavorecidos.

COLECÇÃO *A FUEGO LENTO*		
	TÍTULO	**AUTOR**
DESAFIO EDUCATIVO	1_ Os itinerários educativos do voluntariado	Luis Aranguren
	2_ Acompanhamento na acção. A figura do animador ou animadora de voluntariado	**Jully Rodríguez**
	3_ Motivação da pessoa voluntária	Miguel Ángel Díaz
DESAFIO ORGANIZATIVO	4_ A referência de grupo do voluntariado	José Luis Pérez Álvarez
	5_ Os desafios de uma acção voluntária integral	Alejandro Romero
	6_Coordenação e redes de organizações de solidariedade	Enrique Arnanz Villalta
DESAFIO TRANSFORMADOR	7_ Presença pública do voluntariado	Sebastián Mora Rosado
	8_ Sociedade da informação e voluntariado	Carmen Laviña
	9_ Metodologias de análise da realidade global e local	Fernando de La Riva

A estrutura de cada um dos 9 cadernos da colecção é praticamente idêntica, consistindo em quatro secções diferentes:

A. Conteúdo teórico do tema

B. Propostas didácticas

C. Vocabulário básico

D. Bibliografia comentada

Os cadernos *A Fuego Lento* foram concebidos para serem trabalhados, mais do que lidos, para serem discutidos em grupo, mais do que «engolidos» individualmente, e para potenciarem, em última instância, o crescimento pessoal e colectivo do voluntariado e o reforço da qualidade da acção voluntária das nossas entidades e plataformas.

Luis A. Aranguren Gonzalo

Coordenador da Colecção *A Fuego Lento*, da Plataforma do Voluntariado de Espanha

«...usted preguntará por qué cantamos

cantamos por el niño y porque todo
y porque algún futuro y porque el pueblo
cantamos porque los sobrevivientes
y nuestros muertos quieren que cantemos

cantamos porque el sol nos reconoce
y porque el campo huele a primavera
y porque en este tallo en aquel fruto
cada pregunta tiene su respuesta

cantamos porque llueve sobre el surco
y somos militantes de la vida
y porque no podemos ni queremos
dejar que la canción se haga ceniza».

Por qué cantamos, Benedetti.

... um dia apercebi-me de que, para encontrar água,
é preciso cavar um poço...

Luis, construtor de possibilidades no quotidiano
Alejandro, sonhador lado a lado
Máximo, generosidade e «despertar»
A minha família, simplicidade sempre presente
Ana, Juani, Olgui, Elisa, abraços em momentos escuros
Moisés, mago da ternura

Todas as pessoas que encontrei em todo o mundo
da solidariedade, são elas que estão por trás destas linhas...

Obrigada.

ÍNDICE

15 INTRODUÇÃO

17 1. O ACOMPANHAMENTO: DESAFIO DAS ORGANIZAÇÕES DE VOLUNTARIADO

23 2. ANIMAÇÃO DO VOLUNTARIADO: DE QUE FALAMOS?

25 2.1. Para que surge a animação?

26 2.2. A animação hoje

27 2.3. Animação do voluntariado: Em que ponto nos encontramos?

29 3. ANIMAR ACOMPANHANDO

31 3.1. Acompanhamos a partir do que somos

32 3.2. Acompanhamos itinerantes

39 3.2.1. Eu não me deixo acompanhar

40 3.3. Acompanhamos a pessoa no grupo

41 3.4. Acompanhamos com uma abordagem educativa

45 3.5. Para acompanhar é preciso "estar"

46 3.5.1. Onde, como e quando estar?

50 3.6. Acompanhar a pessoa para construir o grupo

53 4. ACOMPANHAR EXIGE RECURSOS

55 4.1. A própria pessoa do animador

56 4.2. A realidade

58 4.3. O itinerário educativo

58 4.4. A rede de animadores

59 4.5. A própria organização, associação, instituição

61 5. OUTRAS PROPOSTAS PARA CONTINUAR A APROFUNDAR

67 6. UM VOCABULÁRIO PARA NOS ENTENDERMOS MELHOR

71 7. BIBLIOGRAFIA COMENTADA

«No esperes que un hombre muera para saber
que todo corre peligro,
ni a que te cuenten los libros lo que están
tramando ahí fuera.
No esperes a que te den los planos para satisfacer
tu curiosidad,
ni a que el aire también sea de pago para gozar
del placer de respirar.
No esperes golpes de suerte, seguirás a su merced,
mientras haya gente que trafique con la muerte.
No esperes de ningún modo que se dignen en
consentir tu acceso al porvenir
los que hoy arrasan con todo.

No esperes a que se acaben para desear las cosas
más que nunca, ni a responder las preguntas
cuando lo otros se callen.
No esperes el consentimiento, ni a que te
proporcionen un manual,
ni a que el horóscopo te sea propicio,
ni a que el cielo te mande una señal.
No esperes golpes de suerte, seguirás a su merced,
mientras haya gente que trafique con la muerte.
No esperes de ningún modo que se dignen consentir
tu acceso al porvenir los que hoy arrasan con todo.»

No esperes, SERRAT

INTRODUÇÃO

A FORMA como entendemos o voluntariado está intimamente ligada ao modo como concebemos a Solidariedade, a Liberdade, o Amor, a Justiça, o Compromisso, a Pessoa.

O voluntariado é a expressão destes e de outros valores, a acção voluntária é o compromisso de viver e ajudar a viver com dignidade, desde a consciência da injustiça até ao esforço por uma ética libertadora.

Na nossa sociedade convivem diversas formas de entender o voluntariado que reflectem modos igualmente diferentes de viver a solidariedade. Luis Aranguren propõe-nos quatro modelos: Espectáculo, Campanhas, Cooperação e Encontro[1].

Embora os modelos Espectáculo, Campanhas e Cooperação sejam predominantes na nossa sociedade, o modelo de *solidariedade como Encontro é o que nos fornece o enquadramento onde insiro o voluntariado e a sua acção, o que sustenta um voluntariado crítico, construtivo e transformador.*

A solidariedade como encontro centra-se necessariamente na pessoa, na **relação** que devolve a dignidade, o respeito, a confiança, a auto-estima, o direito, a autonomia, a responsabilidade, o sentir-se aceite e querido, protegido, alimentado, integrado numa comunidade, o sentir que se pode querer, recuperar o direito a sonhar...

(1) Luis Aranguren Gonzalo: ***Reinventar la solidaridad. Voluntariado y educación.*** PPC, Madrid, 1998

Neste sentido, nós que vivemos esta experiência através da acção voluntária não ficamos indiferentes, tudo isto nos afecta, nos transforma, nos faz crescer, amadurecer. *O voluntariado não é um mero «fazedor» de projectos, é um restaurador do sentido da vida.*

1.

O ACOMPANHAMENTO: DESAFIO DAS ORGANIZAÇÕES DE VOLUNTARIADO

OS PROJECTOS de acção não são o fim, mas sim o meio para poder apoiar o desenvolvimento dos outros e o nosso próprio desenvolvimento com eles. Isto leva-nos a questionar se a animação do voluntariado tem a ver com as seguintes afirmações:

_ *«Procura cinco voluntários que se responsabilizem pelo refeitório»*

_ *«Precisamos de uma voluntária com conhecimentos de informática»*

_ *«São necessários mais voluntários para que nos aumentem o subsídio»*

_ *«A avaliação do projecto é positiva porque temos mais voluntários»*

_ *«Temos de procurar um voluntário para o premiar pelo cumprimento do seu trabalho»*

_ *«Este ano realizaremos mais projectos porque recebemos subsídios do governo autónomo»*

_ *«Os 107 beneficiários do projecto são apoiados por 25 voluntários»*

_ *«Se quiser ser voluntário, terá de preencher esta ficha de acordo com as suas preferências e depois entraremos em contacto consigo»*

_ *«Antes de ser voluntária tem de frequentar estes cursos de formação, mas o próximo curso só começa em Novembro. Terá de esperar até obter o certificado e depois entraremos em contacto consigo»*

_ *«Temos uma bolsa de voluntários; se uma ONG nos pedir voluntários, enviaremos alguém que conste da nossa lista, mas para isso têm de frequentar os nossos cursos»...*

COMENTE estes e outros exemplos que conheça. Pode reflectir sobre as suas implicações e consequências.

Não vos parece que estas situações são exemplos com que nos podemos identificar em alguns momentos da nossa própria experiência como animadores?

Estas expressões quotidianas reflectem uma realidade em que o voluntariado é abordado de um ponto de vista «utilitarista», o que não passa de uma prova da lógica do Mercado.

Quando ouvimos, nas análises sociais dos especialistas, que no neoliberalismo já não só se mercantiliza a economia como também as relações pessoais, é precisamente disto que se está a falar. *Na nossa vida diária, o sentido utilitarista introduziu-se de tal forma que nem o voluntariado escapa.*

COMENTE a seguinte frase de Karl Marx: «quando menos for o indivíduo, quanto menos exprimir a sua vida, tanto mais terá e tanto mais alienada será a sua vida».

O discurso das administrações públicas, assim como de muitas organizações de voluntariado, revela um tom quantitativo e utilitarista. Promover o voluntariado implica ter mais pessoas para fazer mais e para sermos reconhecidos em função dos números; parece que isso, entre outras razões, é motivo de prestígio.

Contudo, que *cultura estamos a construir com base nestes pressupostos*? Qual é o conteúdo ideológico que fundamenta estas abordagens? Que valores são tidos em conta? Que consequências se manifestam em relação ao nosso projecto de sociedade inclusiva?

Estas perguntas levam-nos a repensar o acompanhamento, a formação, a organização, a sensibilização dos voluntários... Podemos, inclusivamente, verificar que a ideia de voluntariado da nossa organização é contraditória ou que, na própria organização, coexistem diferentes modelos e argumentos entre os discursos e a realidade.

Na maioria das organizações de voluntariado, sobretudo quando se trata de organizações de estrutura complexa, esta reflexão não surge *a priori*, mas sim em consequência da animação como acompanhamento.

O ACOMPANHAMENTO *toca todos os aspectos, pelo que as próprias organizações podem sofrer transtornos e crises. É, para muitos, uma questão assustadora, sobretudo se implicar perda de poder e de controlo na organização. No entanto, é também uma oportunidade para tornar real a participação e o exercício da cidadania. É um indicador, um sintoma da saúde da nossa organização, de que os processos estão a ser transformadores.*

A nossa sociedade tem vindo a organizar um complexo dispositivo de serviços para a comunidade, a nível sanitário, educativo, de protecção e segurança, de assistência, etc. Em todos eles primou a atenção aos destinatários dos serviços, mas descurou-se aqueles que os desenvolvem.

As pessoas com experiência de trabalho no campo da doença e da dor perguntam: «quem cuida do cuidador?[2]». Esta pergunta é igualmente colocada pelas pessoas que desenvolvem a sua acção no âmbito da marginalidade social: educadores, assistentes sociais, voluntários, etc.

A grande maioria das organizações de voluntariado não se apercebeu de que esta pergunta também as afecta. Porque, hoje em dia, *os voluntários são um grupo que precisa de acompanhamento*. É esse desafio que iremos abordar.

(2) Para aprofundar este assunto, é possível consultar algumas publicações recentes de José Carlos Bermejo sobre a relação de ajuda ou alguns trabalhos do autor Carl Rogers, impulsor da corrente humanista no campo da psicologia.

2.
ANIMAÇÃO DO VOLUNTARIADO: DE QUE FALAMOS?

ANTES de nos centrarmos especificamente no âmbito do voluntariado e para nos situarmos em relação à questão da *animação*, convém fazer uma pequena *introdução à sua origem*.

2.1 _PARA QUE SURGE A ANIMAÇÃO?

A PALAVRA *animação* não é nova no contexto de participação social em que nos movemos. A animação sempre existiu de forma difusa, surgindo como consequência da sociedade industrial e urbana: «as características especiais da nossa sociedade levaram a uma institucionalização da animação, que constitui hoje uma preocupação dos programas de desenvolvimento político e cultural da maior parte dos países[3]».

Na Europa, «depois do grande desastre da II Guerra Mundial, a França viu-se confrontada com a necessidade de reconstruir muitas das suas cidades. Foi a época da edificação de grandes conjuntos, bairros inteiros, com novos habitantes a quem era preciso incutir um sentido de comunidade. A animação foi um instrumento ao serviço desta finalidade[4]». No fim da década de 60 e princípios de 70 (do século XX), os vários países pertencentes ao Conselho da Europa dedicaram-se a reflectir e a tentar unificar critérios através de variados documentos e jornadas, de modo a poderem definir políticas de desenvolvimento através deste instrumento. Começou a ganhar forma aquilo a que se viria a chamar animação sociocultural (que nos países de língua inglesa receberia outra designação e significado).

Neste sentido, foi-se concluindo, entre outras coisas, que as iniciativas de animação «*...procuram proporcionar, a nível mental, físico e afectivo, aos habitantes de um determinado sector um estímulo que lhes permita ampliar a sua esfera de experiência e, a partir daí, realizarem-se, expressarem-se plenamente, tomar consciência de uma comunidade sobre a qual exercem uma certa influência e para a qual devem contribuir*[5]».

Enquanto isto se desenrolava na Europa, a América Latina tinha as suas próprias lutas e um objectivo fundamental: facilitar o acesso das camadas populares à cultura. Desta forma, antecipando-se à Europa, dava início a um trabalho de animação muito interessante com um acentuado carácter educativo. Este movimento de dinamização social recebeu a designação Educação Popular.

(3) María Luisa Monera Olmos: *La animación sociocultural como un nuevo tipo de educación*, em J. M. Quintana: *Fundamentos de la animación sociocultural*, Narcea, Madrid, 1992. pp. 32-33
(4) Paloma López de Cevallos, María Salas Larrazabal: *Formación de animadores y dinámicas de la animación*, Popular, Madrid, 1988 p. 22
(5) Conselho da Europa: *Animación Sociocultural*, Ministério da Cultura, Espanha. 1977. p. 24

Mais tarde, com as intervenções de Freire, a educação adquiriu uma dimensão política: «desejavam construir uma verdadeira democracia onde o povo pudesse falar e ser ouvido. Não queriam fazer chegar ao povo uma cultura criada nas distantes instâncias académicas, mas sim mobilizar as pessoas sem poder de decisão para que tomassem a iniciativa, aprendessem a analisar a situação social e formulassem propostas alternativas[6]».

Passou-se da ideia de «democratização cultural» (a cultura que está nas mãos de uma minoria tem de chegar às classes desfavorecidas) para a de «democracia cultural» (todas as pessoas têm cultura e podem participar na construção cultural e social[7]), o que também contagiou a animação sociocultural.

2.2 _A ANIMAÇÃO HOJE

TODA esta intensa evolução de práticas e pensamentos foi dando forma à animação. Podemos encontrar análises, definições e características em diferentes livros e manuais. Não pretendemos aqui aprofundar este assunto, mas sim abordar, de modo geral, duas realidades da animação que convivem actualmente no nosso contexto social.

Por um lado, há um grupo de iniciativas que se agrupam na acepção de «Dar Vida», impulsionar. Trata-se de «actuar sobre», chamando-se geralmente *animador* à pessoa que anima uma empresa, uma sociedade, que apresenta um espectáculo, que dirige um centro de juventude, um clube de baile, etc.

A outra dimensão do termo tem a ver com o facto de a animação ser um processo de relacionamento, de mediação, de «actuar em», uma forma de actuar em todas as esferas do desenvolvimento da qualidade de vida numa comunidade. Representa o conjunto de passos que devem facilitar o acesso a uma vida mais activa e mais criativa, dominando melhor as mudanças, comunicando melhor com os outros, participando mais na vida da colectividade a que se pertence, desenvolvendo a própria personalidade e adquirindo uma maior autonomia[8].

Neste sentido, dá-se ênfase à animação enquanto *técnica de intervenção, um processo de trabalho num território* com um grupo social, com uma proposta educativa participativa, criando situações de transformação social com o objectivo de criar cultura, melhorar a qualidade de vida, o que requer o envolvimento dos grupos, fazendo deles sujeitos protagonistas[9].

(6) Paloma López de Cevallos, María Salas Larrazabal: *Formación de animadores y dinámicas de la animación.* op. cit., p. 25
(7) Ibidem
(8) María Luisa Monera Olmos: *La animación sociocultural como un nuevo tipo de educación*, em J. M. Quintana: *Fundamentos de la animación sociocultural.* Narcea, Madrid. 1992
(9) Ucar Martínez, X.: *La animación sociocultural*, Ceac, Barcelona, 1992.

2.3 _ANIMAÇÃO DO VOLUNTARIADO: EM QUE PONTO NOS ENCONTRAMOS?

A ANIMAÇÃO do voluntariado, no meu entender, enquadra-se na *animação enquanto «meio»* que utilizamos para *vincular* a realidade social e as *metas* da nossa *acção voluntária* às metas das nossas o*rganizações: trabalhar por uma sociedade justa* e *integradora numa sociedade exclusiva* e *marginalizadora*.

Porém, para além das técnicas, a animação do voluntariado introduz um novo elemento-chave: o relacional, o do *acompanhamento.*

Por outro lado, nos espaços sociais participativos (grupos de base, associativismo, sindicalismo, etc.), a dificuldade em encontrar aspectos que nos ajudem a ir construindo as nossas referências e horizontes de vida, a nossa identidade pessoal, colectiva, de cidadania, bem como a realidade do contexto social que coloca o «ter» antes do «ser» tornam necessária a introdução deste elemento-chave.

É neste contexto que vou enquadrar a animação do voluntariado, tendo em conta que os desajustes de vida não afectam apenas as pessoas que vivem a marginalização, a pobreza e a exclusão, mas também todos os que vivemos a falta de espaços de sentido.

Hoje em dia, para muitas pessoas, o voluntariado não é um compromisso para «mudar o mundo», mas sim uma busca de sentido para a vida. Se ignorarmos esta realidade, a acção voluntária implicará um esforço vazio de conteúdo transformador.

3.
ANIMAR ACOMPANHANDO

«No escojas sólo una parte, tómame como me doy,
entero y tal como soy, no vayas a equivocarte.
Soy sinceramente tuyo pero no quiero, mi amor,
ir por tu vida de visita, vestido para la ocasión.
Preferiría con el tiempo reconocerme sin rubor.
Cuéntale a tu corazón que existe siempre una razón
escondida en cada gesto.
Del derecho y del revés uno es sólo lo que es y anda
siempre con lo puesto.
Nunca es triste la verdad, lo que no tiene es remedio...»

Sinceramente tuyo, J. M. SERRAT

3.1 _ ACOMPANHAMOS A PARTIR DO QUE SOMOS

ANIMAR o voluntariado envolve muito de nós próprios. Animar não é só «fazer» (executar as acções) e «saber fazer» (aplicar as nossas capacidades e conhecimentos), mas também, acima de tudo, «ser», *disponibilizar as nossas dimensões física, intelectual, emocional e transcendental.*

Como pessoas somos um «todo», o que sentimos tem a ver com o que pensamos e com o modo como actuamos, e isso faz-nos sentir de determinada forma; a nossa dimensão mais profunda leva-nos a procurar sem saber o quê, embora sabendo que um dia o encontraremos. O ser é assim, maravilhosamente complexo, e, portanto, quando trabalhamos com pessoas, temos de ter consciência de que trabalhamos com esse complexo «todo», muitas vezes desintegrado e desajustado, tal como pode suceder connosco próprios.

Animar acompanhando tem sobretudo a ver com a nossa própria entrega, com o estarmos abertos ao crescimento da relação com a pessoa voluntária. Animar acompanhando requer o nosso compromisso com essa relação, com o nosso tempo, assumindo responsabilidades, mas, mais importante, oferecendo o coração, oferecendo Amor[10].

(10) Para nos situarmos neste tema: Erich Fromm: *El arte de amar.* Paidos, Barcelona, 2000.

NÃO HÁ *nada mais autêntico e revolucionário do que aquilo que nasce do Amor. Estar disposto a amar implica reconhecer e aceitar a nossa fragilidade. Só assim podemos colocar-nos à altura do outro e acompanhá-lo no caminho da acção voluntária.*

Um caminho no qual a própria pessoa também está em jogo. Não importam apenas os objectivos do projecto ou da organização: as próprias metas pessoais, a aposta em acreditar que o mundo pode tornar-se melhor e mais justo a cada dia que passa são questões fundamentais. Acreditar nisto, na sociedade em que vivemos, implica muito valor e merece muito respeito, visto não ser nada fácil.

Por conseguinte, *o nosso papel enquanto animadores leva-nos a determinar que a pessoa voluntária faz parte deste projecto de metas comuns, com os seus pontos fracos e fortes, e que eu, animador ou animadora, me torno acompanhante se for capaz de assumir a minha própria realidade, também de luzes e sombras.* Só assim podemos, entre todos, construir um projecto conjunto. Este é *um desafio para toda a nossa vida.*

3.2 _ACOMPANHAMOS ITINERANTES

OS VOLUNTÁRIOS *são, por assim dizer, itinerantes, pessoas que vão traçando um caminho. Para cada pessoa, o seu caminho na acção voluntária é uma experiência única.*

PODEMOS aperceber-nos disso se fizermos o seguinte exercício[11]:

a. Pegue numa folha e coloque-a horizontalmente em cima da mesa.

b. Desenhe uma linha recta horizontal aproximadamente a meio da folha.

c. Recorde o momento em que começou a comprometer-se no âmbito da acção social e da participação, incluindo a data aproximada, e escreva-a no início da linha no lado esquerdo.

(11) Este exercício é denominado «linha da vida» e pode ser encontrado em: *Somos Andando. Itinerario educativo y animación del voluntariado.* Cáritas Española, Madrid, 1999.

d. Agora, na parte superior da linha, comece a escrever os elementos, situações, pessoas, atitudes, etc., que se lembre de lhe terem facilitado a consolidação desse compromisso.

e. Quando terminar, escreva na parte inferior da linha os elementos, situações, pessoas, atitudes, etc., que lhe tenham dificultado a consolidação ou a continuidade do seu compromisso.

O que achou do exercício? Apercebeu-se do caminho que percorreu ao longo deste tempo? Quais são os momentos que viveu? O quê ou quem o ajudou a assimilar esses momentos, a ver para além do imediato? Obteve alguma pista para acompanhar outros?

Este caminho que percorreu é a sua experiência única, nela encontrou dificuldades como as que podem estar a ser vividas por alguma pessoa voluntária que esteja a acompanhar. Enquanto animador, você próprio pode estar a dificultar-lhe ou, pelo contrário, a facilitar-lhe esse percurso.

Se fizer este exercício em grupo e o comentar, verá que cada experiência, embora única para cada um, tem muito em comum com as restantes. É por esta razão que se pode *estruturar um itinerário educativo e trabalhar o acompanhamento através do mesmo* (como veremos no fim do presente caderno).

O FUNDAMENTAL *é que, para poder acompanhar os itinerantes da acção voluntária, não podemos esquecer que nós também o somos.*

DE SEGUIDA, e para continuar a reflectir, apresentamos algumas situações que lhe podem ser familiares enquanto itinerante:

ITINERANTE 1: TERESA

«A verdade é que nunca gostei de hospitais, mas esta é mais uma realidade da vida e cá estou eu. Quando comecei, nunca me ocorreu que isto se tornaria tão importante na minha vida. Lembro-me que vim com a Pilar, que conhecia

alguns doentes e queria apresentar-mos. Sentia-me insegura, sem jeito, de facto não sabia o que dizer às pessoas. Não sabia como enfrentar a situação, a sua dor convidava-me a fugir e nunca mais voltar. Pensava para mim: «o que estou aqui a fazer, porque estou aqui quando podia estar noutro lugar». Mas mesmo assim voltava, porque a doença da minha mãe e tudo o que passámos com ela levou-me a descobrir muitas coisas sobre mim mesma e sobre a injustiça do nosso sistema social e de saúde, a solidão das pessoas, o medo, a falta de informação... A verdade é que queria ajudar outras pessoas com a minha experiência, mas tinha medo.

A primeira pessoa que a Pilar me apresentou chamava-se Aurora, tinha-me dito que era uma mulher jovem e alegre, mas naquele dia, enquanto falávamos com ela, houve um momento em que começou a chorar.

As notícias do dia não tinham sido muito animadoras para ela. Em breve chegaria o seu marido e não lhe queria dizer nada enquanto os resultados não fossem confirmados.

Eu quis fugir dali, não sabia o que fazer. A Pilar e eu ficámos caladas, durante alguns momentos a Pilar segurou-lhe a mão em silêncio e, pouco a pouco, foi ficando mais tranquila.

Quando saímos, a Pilar propôs que nos sentássemos um pouco na cafetaria, onde conversámos durante muito tempo.

Hoje recordo que estas e outras conversas, juntamente com as reuniões de formação que tínhamos de três em três meses, me ajudaram imenso».

ITINERANTE 2: JAVIER

«Na terça-feira, cerca das 19h30, passei pelo local e os miúdos já tinham começado a chegar. Via-se que estavam alegres e eufóricos, a verdade é que tinham motivo para isso. Depois de cumprimentar alguns, dirigi-me ao Pedro, queria saber se estava tudo em ordem ou se ainda havia coisas por fazer. Pediu-me para o acompanhar, porque queria dizer-me algo sem que os miúdos se apercebessem:

- Javier, houve um problema e não vai ser possível acampar.

- O que estás a dizer? O que é que aconteceu?

- Três dos monitores que iam estar connosco telefonaram a dizer que surgiu outro compromisso onde lhes pagam melhor, que têm muita pena mas precisam desse trabalho.

- E agora o que fazemos?

- Talvez suspender o acampamento, propor uma actividade alternativa, não sei. A verdade é que isto é um contratempo importante, tínhamos conseguido que todo o grupo participasse na actividade e agora, com esta desilusão, não sei se se vão entusiasmar novamente.

- Esta agora! Ainda por cima estão tão animados, quem é que lhes vai dizer? Eu não me atrevo e, além disso, não acredito que possamos ter uma alternativa.

Não sei, procurar outros monitores, mudar a data, arranjar mais dinheiro para contratar outros monitores, alguma coisa tem de nos ocorrer...

- Olha, já estivemos a pensar nisso hoje de manhã, tentámos algumas soluções e não há maneira, temos de lhes dizer que por agora não é possível e que depois os avisamos.

Depois da reunião com os miúdos, o Javi sai muito desiludido. Não entende como é que estas coisas podem acontecer, sabe que neste momento isso não é bom para os miúdos. De facto, alguns ficaram muito zangados, outros desiludidos, outros diziam que era sempre a mesma coisa...

Enfim, tudo isto também o entristeceu, tantas horas de trabalho investidas a preparar as actividades para nada».

ITINERANTE 3: ENRIQUE

«Menos mal que neste intervalo para café posso dar uma vista de olhos no jornal.

Como é possível? Não publicaram nada sobre o manifesto! O raio dos jornais! Andámos feitos doidos a organizar esta manifestação e não publicaram nada de nada! Pois claro, quem é que se vai interessar pelos nossos problemas? Os políticos podem aparecer quando querem e dizer o que querem, mas nós é como se não existíssemos. Com o problema enorme que temos em mãos e parece que ninguém se apercebe. É claro que não se vão aperceber se não sair nada nos meios de comunicação! Vou telefonar ao Cande a ver o que é que ele diz.

Olá Cande, sou eu, o Enrique. Bem, estive a ver o jornal e pelos vistos não saiu nada sobre as nossas reivindicações. Queria saber se tinhas visto e o que pensas disso.

A verdade é que estou decepcionado, sabes? Passámos várias semanas a preparar isto e parece que não nos serviu

de nada. Por mim, já não vejo o caminho a seguir, não vamos conseguir nada a não ser perder tempo. Os colegas que estão na cadeia vão continuar a passar dificuldades por muito que façamos. Parece que ninguém quer saber o que significa estar lá dentro. O que é que estás a dizer? Que não fique decepcionado? Olha, como vês, estou cansado disto.

Um café? Bom, sim, podemos combinar. Assim aproveitamos e telefonamos à Pepi e à Esperanza, que também já devem ter percebido o que aconteceu. Está combinado, vemo-nos amanhã no bar do costume. Adeus».

ITINERANTE 4: D. EUSEBIA

«Maria, como estás? Sim, hoje cheguei cedo, queria falar contigo. Sabes, tenho uma amiga que está interessada em colaborar com a associação e queria que lhe explicasses como funcionamos por aqui. Já lhe expliquei algumas coisas, mas há outras que eu não sei e que tu consegues explicar melhor. Estás aqui há mais tempo e sempre me orientaste muito bem. Lembras-te de quando comecei? Sabes que as pessoas tímidas como eu precisam que lhes dêem uma mão. A minha amiga não é tímida, mas não está muito convencida, porque diz que, com a idade que tem, já pouco pode fazer. Eu disse-lhe que há sempre alguma coisa que possa fazer, e claro, desde que enviuvou sente-se muito sozinha e fecha-se muito em casa».

ITINERANTE 5: LUISA

«Luisa sabia cumprir as tarefas que lhe eram atribuídas. Além disso, era atenta, observadora, reflectia frequentemente sobre os assuntos. Estava no último ano do curso de gestão de empresas. Não sabia muito bem o que iria fazer quando terminasse. Mas o estar ali com outros jovens que mal conhecia levava-a a perguntar-se: porque é que não estudaram? Porque é que não lhes preocupava o que iriam fazer das suas vidas?

Luisa não encontrava respostas. E, embora cumprisse a sua tarefa de dar apoio escolar a estes miúdos, começava a sentir-se perdida, incomodada, sem esperança. Ao fim de vários meses, questionava-se frequentemente que sentido fazia estar ali. Aqueles jovens não iriam mudar, por muito apoio que lhes desse; faltavam às aulas, não mostravam interesse, às vezes até a ignoravam. Luisa queria continuar ali, mas sentia-se sozinha entre tantas dúvidas e desânimos...».

ITINERANTE 6: CRISTINA

«As quartas e quintas-feiras eram dias especialmente atarefados. Nesses dias, Cristina trabalhava no turno da manhã, pelo que podia dedicar as tardes à associação. Encarregava-se de atender o telefone, visitar os utentes, reunir informação para o jornal da associação, redigir cartas para os sócios, etc.

Ufa! Sentia-se verdadeiramente útil, tinha sempre alguma coisa para fazer, já lá iam quatro anos. Tinha sido um período de entusiasmo e satisfação, ao ver como a vida de algumas pessoas melhorava e como a de outros pelo menos não piorava.

Sim, estava satisfeita com o seu trabalho, mas começava a aperceber-se de que não era suficiente para ela. De alguma forma, sentia que tanto ir e vir, tanta dedicação à associação, o seu trabalho, família e amigos, estavam a desgastá-la. Começava a mostrar cansaço e a sentir-se culpada por isso.

Percebia que, por muitas horas que dedicasse à associação, as coisas andavam mais devagar do que desejava, os outros voluntários não se envolviam tanto. Dizia para si própria que havia muito que fazer e perguntava-se como era possível que os outros não vissem isso».

ITINERANTE 7: PABLO

«Pablo acordou com uma ideia talvez sugerida pelo sonho daquela noite. Era um homem experiente, tinha lido muito e sabia muito e, portanto, não tinha a menor dúvida de que teria de funcionar. Elaborava o plano, organizava os horários, as tarefas, as acções de cada um. Nesse organograma, parecia que não podia falhar nada, estava a cumprir maravilhosamente a sua função de coordenador. Isto da reforma vinha mesmo a calhar para poder dedicar tempo ao projecto, e era bom para o projecto poder contar com a sua capacidade de organização e planeamento.

E assim, após uma breve reunião onde apenas houve perguntas, começava uma nova etapa daquele grupo de voluntários e voluntárias».

ITINERANTE 8: SR. CARMELO

«- Não, não, eu não estou disposto a ir a essas reuniões! Vou quando posso e, para servir o café e falar um bocado com essas pessoas, não é preciso saber tantas coisas. Porque isso já eu sei fazer. Para mim, é uma perda de tempo e eu tenho família para cuidar; além disso, vocês sabem que eu colaboro voluntariamente com outro centro e não tenho mais tempo».

ITINERANTE 9: CATI

Álvaro: - O que eu acho que devemos fazer é ir falar com a câmara municipal, que isso é da competência deles, não podemos passar por cima!

Nila: - Pois eu não concordo, porque os da câmara não querem saber do assunto! Quando é assim, devíamos ser nós a intervir.

Meme: - Eu proponho que não façamos nada, os responsáveis é que devem resolver isso, ou será que vamos andar sempre a fazer favores à administração?

Cati: - Acho que devemos acalmar-nos um pouco. Estamos todos muito incomodados com isto. E o que queremos mesmo é resolver isto. Aquelas famílias não podem ficar na rua, já as conhecemos há muito tempo e sabemos que não têm recursos, embora já tentem encontrar uma solução há meses.

Eu sei que é difícil assumi-lo e que nos sentimos impotentes perante tanta injustiça, mas já fomos a várias reuniões onde manifestámos as nossas opiniões a este respeito. Agora temos de reflectir juntos e pedir ajuda a outros para encontrar alternativas e soluções.

ALGUMAS perguntas que podem ajudá-lo:

1. *De que forma está a ser acompanhada cada situação?*
2. *Como estão os voluntários e voluntárias a viver a situação?*
3. *Como animador ou animadora, saberia enfrentar as situações anteriores? O que descobre nelas? O que o fazem descobrir sobre si próprio? Como acompanharia cada situação?*

3.2.1 _EU NÃO ME DEIXO ACOMPANHAR

Não há acompanhamento se não houver quem se deixe acompanhar. E a verdade é que, como o Sr. Carmelo (o nosso itinerante n.º 8), *há quem não queira, não possa ou não saiba*. Deixar-se acompanhar também pressupõe uma atitude, uma descoberta de quem se sabe necessitado de apoio e requerente do mesmo.

Sozinhos não conseguimos nada e, nisto do voluntariado, também há muitas pessoas que não têm disposição, não querem ou não chegam a compreender que não basta chegar e sair a correr.

No voluntariado há quem se refugie na satisfação da sua consciência e não passe daí. Com este tipo de pessoas, quem acompanha enfrenta o desafio de ajudar a «descobrir o evidente» e a transcender o que está para além do que se vê.

Para Freire, «... um dos trabalhos mais importantes da prática educativo-crítica é proporcionar as condições para que os educandos, nas suas relações entre si e entre todos e o professor ou professora, possam testar a experiência profunda de se assumirem. Assumirem-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicador, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de sentir raiva porque é capaz de amar[12]...».

O animador ou animadora que acompanha também deve criar tais condições, como afirma Freire.

Há pessoas voluntárias que não querem ir mais além; com estas pessoas, o acompanhante deve deixar uma porta aberta e aceitar que esta é apenas mais uma realidade, não «bater com a cabeça nas paredes», sentindo-se frustrado por não conseguir ser acompanhante.

O ANIMADOR, *enquanto acompanhante, deve assumir que a pessoa em questão precisa de tempo e que talvez não seja no projecto que estamos a desenvolver, mas sim noutro local, que descobrirá a necessidade de se deixar acompanhar, de se abrir a alguém com quem possa partilhar uma opção e uma convicção profunda ou uma sensação de perda e de falta de sentido que não lhe permite ajustar-se à realidade com a qual e na qual se encontra.*

(12) Paulo Freire: *Pedagogía de la autonomía*. 1998, Siglo XXI, Madrid. p. 42

3.3 _ ACOMPANHAMOS A PESSOA NO GRUPO

NA ACÇÃO de animação, geralmente pensamos na dimensão colectiva ou comunitária. As técnicas e as dinâmicas foram criadas para os grupos. No entanto, acompanhar estes itinerantes implica conceber a animação na sua dimensão mais simples: a pessoa enquanto indivíduo.

O animador ou animadora que não vê a pessoa não pode acompanhá-la nem mesmo dentro do grupo.

Um animador como Pablo (o itinerante n.º 7 do ponto anterior) enfatiza o «fazer» do grupo, o que o leva a considerar a acção com o voluntariado como um sucessivo desenvolvimento de actividades. O que mais lhe importa no fim é o cumprimento dos objectivos e o êxito da actividade. Após um questionário de avaliação ou um pedido de opiniões, planeará as actividades seguintes em função das respostas. A finalidade do seu trabalho de animação são as actividades propriamente ditas.

Com o tempo, as pessoas podem começar a sentir-se desmotivadas e desligadas, o que atribuirá a uma dificuldade da pessoa; é inclusivamente possível que os próprios voluntários pensem em deixá-lo por acreditarem e sentirem que isso não é para eles.

Contudo, animar os voluntários não consiste em fazer as coisas só por fazer, propor-lhes tarefas ou oferecer-lhes muitos cursos de formação; não podemos perder o norte: trata-se de fazer com que a nossa acção responda à realidade e às *metas estabelecidas, sem nos esquecermos de nós próprios* (penso que é isso que tenta Cati, a animadora itinerante n.º 9).

A *abordagem activista na animação cultiva igualmente o activismo na acção voluntária:* «fazemos muitas actividades com os grupos com quem trabalhamos» – afirmam alguns voluntários –, mas na maioria das vezes, os voluntários não sabem para quê ou por que motivo desenvolvem tais actividades, que impacto estão a ter ou se é conveniente continuar e em função de quê. Isto leva ao «esgotamento» e à desmotivação, a acreditar que a realidade é intocável, a alimentar a falta de esperança.

Por conseguinte, devemos determinar que *a nossa tarefa enquanto animadores e animadoras de voluntariado deve ser um «fazer com sentido»,* porque também é assim que concebemos a acção voluntária e é esta a acção transformadora. Para ilustrar esta reflexão, podemos centrar-nos em Luisa (itinerante n.º 5), que chegou a um ponto em que já não via sentido no que fazia.

CONVIDO-VOS a indagar, a reflectir, a procurar exemplos pessoais em que tenham pensado que o que faziam ou viviam não fazia sentido.

Compreender o que fazemos, compreender que estamos centrados numa situação, numa realidade, compreender que isso não é indiferente, que tem as suas consequências, sentir que isso tem a ver comigo, com o que acredito, penso e sonho; aceitar que nem tudo depende de mim, mas que me envolvo naquilo que depende; comprometer-me, dando o melhor de mim naquele momento com aquela pessoa; que o que faço se estende para além do agora e que os resultados que espero não são para já, que há outros que posso observar e que talvez não tivesse previsto.

Acompanhar estes itinerários também implica *não cair no paternalismo ou no «olhar para o próprio umbigo».* Enquanto animadores, devemos ajudar as pessoas a aceitar desgostos, desacordos, medos, inquietações, abandonos, rupturas, desilusões e a celebrar alegrias, esperanças, objectivos cumpridos... Não podemos ignorar toda esta vida que flui no grupo.

O conflito é algo natural que deve vir à tona para que possamos enfrentá-lo e crescer, amadurecer enquanto pessoas e enquanto grupo, fortalecer as nossas razões, os nossos sentimentos e o sentido da nossa acção colectiva.

A vida do grupo não pode dissociar-se da sua intenção, um grupo de voluntariado é um grupo de acção social.

3.4 _ ACOMPANHAMOS COM UMA ABORDAGEM EDUCATIVA

PELA minha experiência, ser animador ou animadora de voluntariado implica, acima de tudo, ter ou ir desenvolvendo uma *abordagem educativa*.

O que significa:

a. *Ajudar a pessoa a dar o seu melhor*, a realizar-se na acção que desenvolve. Um animador ou animadora deve trabalhar com a convicção de que as pessoas voluntárias podem dar o seu melhor, mesmo que não se apercebam disso.

b. *Ajudar a encontrar os equilíbrios* entre a acção e a reflexão, os ideais e a realidade, o fazer e o estar, o desejável e o possível, o quero e o não consigo, os êxitos e os fracassos, as suas possibilidade e limites, etc. Se analisarmos o caso de Cristina (itinerante n.º 6), podemos perguntar-nos o que está a viver? Não vos parece que precisaria de acompanhamento para recuperar o equilíbrio entre o quero e o não consigo, entre o desejável e o possível?

c. *Ajudá-los a integrar os ensinamentos* da acção voluntária na sua vida quotidiana, ou seja, a irem incorporando os valores, atitudes, afectos, reflexões... construindo um estilo de vida coerente. Não podemos viver a vida por secções, pensando, por exemplo, que se é voluntário ou voluntária das 17h00 às 20h00 e que depois passamos a ser outra coisa.

d. *Ajudar a equilibrar as motivações e as expectativas* com a realidade. No caso de Javi (itinerante n.º 2), talvez o acompanhante devesse responder a esta necessidade.

e. *Promover a criação de uma Cultura de Equipa*. Não pode ser cada um por si. Nas organizações de voluntariado, temos o desafio de ir formando equipas, com a dificuldade que muitas vezes implica conciliar os diferentes ritmos: dedicação, envolvimento, formação, o que sobressai mais nas organizações que contam com pessoas contratadas. Nestes casos existe o risco de relegar os voluntários para uma participação pontual, perdendo a visão global da acção, de atribuir todas as responsabilidades aos técnicos contratados, ou de pensar que estes é que devem dirigir, que são eles que sabem o que fazer. Porém, existe também o risco de serem os voluntários e voluntárias a delegarem as responsabilidades, ou porque supõem que é para isso que lá estão os contratados, que estes sabem mais ou que têm mais tempo, etc.

Mais do de «trabalho de equipa», falo de «cultura de equipa», porque trabalhar em equipa pode levar-nos a ir criando gradualmente alternativas, possibilidades, um novo modo de nos relacionarmos, de viver de acordo com os valores da solidariedade com um sentido ético, coerente, que vai além do momento ou do lugar da acção voluntária.

Na sociedade do individualismo, do consumismo, da posse, da imagem, do medo, da desconfiança, do activismo, do fatalismo, aprender a viver de outra forma é um desafio para todos nós. *A nossa equipa de acção social é o lugar onde se preparam estes ensinamentos.*

f. Enquanto responsáveis pela animação, também devemos estar abertos a aprender e a crescer juntamente com os voluntários e voluntárias que acompanhamos.

Na literatura sobre animação podemos verificar que é esta abordagem educativa que, com o tempo, nos leva a ir encaminhando o nosso ser animador para um «estilo de animação democrático».

Já muito se escreveu sobre os estilos de animação, mas, entre outras coisas, gostaria de salientar que o estilo de animação que adoptarmos vai ter determinadas consequências sobre o grupo, sobre a própria acção realizada e sobre cada pessoa.

No entanto, *quando acompanhamos outros sob um ponto de vista educativo, mais do que falar de estilos de animação, quero referir aquilo a que alguns chamam «pedagogia do amor».*

Em «El arte de amar», Erich Fromm tece uma brilhante reflexão sobre o amor e refere que «o amor é uma preocupação activa pela vida e pelo crescimento do que amamos». Além disso, acrescenta que, para além de «dar», o carácter activo do amor se revela em quatro elementos: *cuidado (do outro), responsabilidade (resposta à necessidades manifestadas ou não), respeito (preocupação com que o outro cresça e se desenvolva tal como é) e conhecimento (do poço profundo da pessoa*[13]).

Mais do que de um sentimento, estamos a falar de uma *disposição interior que nasce da liberdade e se manifesta no compromisso em estar com o outro, aprendendo a enfrentar e a aceitar o que somos e reafirmando que queremos continuar a lutar para tornar realidade aquilo em que acreditamos.* Mas não «de qualquer maneira», não «passando por cima de», não «a qualquer preço», não «os fins justificam os meios».

A pedagogia do amor fala por si. No acompanhamento do voluntariado é fundamental recuperá-la e trazê-la à luz do dia para rodear o nosso fazer de esperança.

Através dela, o tempo, o processo, as estratégias, a análise da realidade, a reflexão, as metas, a avaliação, os materiais, as actividades, o planeamento, etc., adquirem o sentido do humano.

A PEDAGOGIA *do amor incita-nos a adaptar o projecto à pessoa e não a pessoa ao projecto. Rega a nossa a acção, embebe-a e semeia-a com possibilidades de mudança.*

(13) Erich Fromm: *El arte de amar.* Paidos, Barcelona, 2000 pp. 35-40

UM PEQUENO exercício que nos pode ajudar a cultivar a abordagem educativa consiste em tentar colocar-nos no lugar dos outros e ver-nos com os seus olhos. Para isso, sugerimos que pense em situações concretas, as descreva e se centre no modo com agiu ou naquilo que pensou nesse momento e como pode ter-se sentido a outra pessoa. Apresentamos vários exemplos. Complete-os e descreva a sua própria experiência:

QUANDO AGI:	OS OUTROS SENTIRAM-SE:
1_ Sem contar com os outros	não precisam de mim
2_ Como se achasse que sei tudo ou tenho a razão	ignorantes
3_ Fazendo tudo sozinho	frustrados
4_ Sem deixar falar os outros	
5_ Sem ouvir	
6_ Delegando responsabilidades	envolvidos
7_ Com respeito	
8_ Enfrentando o conflito	
9_ Calando-me para não me preocupar	
10_ Tornando-me indispensável	
11_ Discutindo sem chegar a consensos	
12_ Aberto à mudança	
13_ Pensando que sou sempre forte e não me deixo abater	
14_ Pensando que tudo se irá resolver	
15_	
16_	
17_	
18_	

3.5 _PARA ACOMPANHAR É PRECISO «ESTAR»

O LUGAR do *acompanhamento é a relação no espaço do quotidiano*. Somos seres relacionais, existimos e somos numa relação com o meio físico e natural, com outras pessoas, com Deus, connosco próprios... Na relação nos vamos construindo e vamos sendo.

Através do diálogo podemos manifestar o que sentimos, o que pensamos. Dialogar com as pessoas voluntárias não é só trocar informações:

_ «Como está, o tempo está a piorar, como está o neto, melhor, fico contente, olhe, temos de começar, depois continuamos...».

O diálogo surge quando somos capazes de ouvir e de nos sentirmos ouvidos sem sermos julgados; iremos, pois, ajudar os voluntários e voluntárias:

_ A eliminar os preconceitos quando se referem, por exemplo, à pessoa sem-abrigo como um «coitado, de certeza que quando era novo era um vadio»;

_ A eliminar as percepções distorcidas, quando não se atrevem a perguntar por medo de cair no ridículo;

_ A eliminar o medo de não saber ajudar alguém, a partilhar, por exemplo, a dor de um doente, o desânimo provocado pelo facto de uma jovem em processo de desintoxicação voltar a consumir;

_ A partilhar a alegria quando um dos jovens com quem trabalhamos consegue um emprego.

A confiança é um indicador de que o diálogo é real (sentir-se ouvido, sentir-se reconhecido, sentir-se aceite, sentir-se integrado), embora seja algo que não se consegue imediatamente, mas que se vai construindo aos poucos.

Para que os voluntários possam realmente ir adquirindo responsabilidades, autonomia, capacidade de decisão e ir aprendendo a participar, devem encontrar no animador ou animadora uma pessoa tão «pouco perfeita» como eles próprios. O animador ou animadora não tem as respostas para todas as perguntas. Se fingir que sim, irá distanciar-se. Por sua vez, partilhar os seus medos, frustrações e alegrias torna-o mais autêntico e mais próximo

na relação. Isto sim é verdadeiro, aquilo que nos transforma. As máscaras do tipo «sou forte», «sei tudo e, mesmo que não saiba, finjo que sim», «nunca me engano», «não estou cansado», etc., levam-nos a representar papéis como se o quotidiano fosse um grande teatro, enquanto a vida, a vida real, nos vai escapando muitas vezes sem darmos conta.

3.5.1 _ONDE, COMO E QUANDO ESTAR[14]?

E agora podemos perguntar-nos onde, como e quando fazemos isto? A lógica da velocidade impõe-se, os voluntários ou vêm com o tempo contado para as reuniões e actividades, ou não aparecem, e eu, para além de animador ou animadora, tenho outras coisas para fazer... Assim já se vê que ser animador acarreta algumas exigências. *Muitas vezes, procura-se exercer a animação do voluntariado sob a forma de coordenação ou de organização do mesmo, mas, do ponto de vista do acompanhamento, animar é mais do que isso* (basta ler o que dizem os itinerantes Enrique e Teresa para saber ao que me refiro).

Se o espaço do acompanhamento é a relação, grande parte da tarefa animadora consiste em «estar». Tal implica necessariamente alguns elementos-chave: *tempo, espaços, momentos*.

O TEMPO

_ O *animador ou animadora* deve saber que irá *dedicar tempo* às pessoas em particular e ao grupo, pelo que devemos conceber diferentes espaços, momentos e formas de acompanhar. Muitas vezes, estes tempos não são previstos na programação ou no planeamento da própria acção.

_ Deve *contar também com o tempo de dedicação das pessoas voluntárias à acção*. O tempo dedicado à acção voluntária é um tempo concreto, pelo que devemos determinar que é na própria acção que acompanho. Antes de prever mais tempo, há que aproveitar o tempo que já partilhamos.

_ Se as acções forem diversificadas: diferentes projectos, vários grupos de voluntários e voluntárias em tarefas diferentes (sensibilização, visitas, administração, formação, etc.), a animação do voluntariado deve ser pensada de forma partilhada. De facto, o mais adequado seria pensar na necessidade de *diferentes pessoas exercerem a função de animadoras e se coordenarem em rede*.

(14) Para aprofundar o tema: Luis Aranguren Gonzalo (2000): *Cartografía del voluntariado*, PPC, Madrid. Cap. 5.

Não posso acompanhar alguém que apenas vejo algumas vezes por ano. O acompanhamento exige proximidade, dá-se na relação.

OS ESPAÇOS

_ Os espaços para o acompanhamento podem ser variados, pelo que, enquanto animadores, devemos estar atentos, uma vez que o momento pode ser planeado ou, por vezes, espontâneo.

Por exemplo, num centro de acolhimento, enquanto os voluntários estão a desempenhar as suas tarefas, pode haver tempo para um café, para comentar incidentes, as notícias dos meios de comunicação relacionadas com o grupo que apoiamos, para falar sobre a evolução do projecto, etc.

Além disso, se for necessário, também *podemos combinar algo fora da actividade e do centro para conversar.*

Podemos fazê-lo mesmo a partir de outro tipo de acção. O importante é ir prestando atenção e procurar possibilidades.

_ *As reuniões de grupo constituem outro âmbito mais formal.* Frequentemente, transformamos as reuniões em conversas sobre o que fazemos, mas não sobre o que pensamos ou de como nos sentimos perante situações ocorridas na nossa acção voluntária: problemas de descoordenação ou negligência, situações de conflito com pessoas pertencentes aos grupos com que trabalhamos, pequenos êxitos que não são devidamente valorizados e que conduzem ao desânimo, etc. Prever algum espaço para isso nas reuniões de coordenação ou de formação também é uma forma de acompanhar. Podemos recorrer a meios que o facilitem: através de um texto curto relacionado com o assunto que queremos abordar, uma história, uma pergunta para o ar, uma dinâmica de grupo; devemos apoiar-nos nalgum meio para «quebrar o gelo» e contribuir para que as pessoas comecem a partilhar. Quanto mais se for fazendo, mais simples se torna. Mas é preciso ter atenção para não nos perdermos, para não esquecermos de que isto é feito no contexto da nossa acção, que não se trata de transformar o grupo num grupo de auto-ajuda (veja-se a situação de Cati, a itinerante n.º 9).

OS MOMENTOS

Animar acompanhando leva a que nos questionemos sobre os «momentos» e necessidades dos voluntários e voluntárias, sendo o itinerário educativo o elemento-chave que nos ajuda a identificá-los: sabemos de que precisam os voluntários e voluntárias nos diferentes momentos do seu compromisso e de acção voluntária? Parámos para pensar que as pessoas envolvidas na acção voluntária têm necessidades diferentes em função do momento em que se encontram?:

- Se acabaram de se juntar à associação ou ao projecto;
- Se já lá estão há muitos anos;
- Se o grupo-alvo da acção mudou (por exemplo, as crianças com que trabalhavam já são adolescentes);
- Se ficaram desempregados;
- Se perderam um ente querido.

Também se deve ter em conta que as mudanças políticas influenciam a acção da associação (muda a legislação sobre imigração, os apoios para pessoas com deficiência são mínimos, subsidiam-se as viagens mas não a animação no bairro para os idosos...).

Não há receitas que nos digam como agir em cada momento, embora existam orientações que têm a ver com «a distância» a que nos situamos.

A pessoa precisa de ser acompanhada mesmo antes de se comprometer como voluntária. Não basta dar-lhe algumas informações e pedir-lhe para preencher uma ficha, é necessário orientá-la, dar-lhe a possibilidade de tomar uma decisão com base na experiência. É necessário dedicar algum tempo para conhecer a acção, questionar-se e questionar-nos até decidir comprometer-se como voluntária... A pessoa deve verificar se o espaço é adequado para si; a nossa tarefa enquanto acompanhantes consiste em ajudá-la ou mesmo em sugerir outras organizações e associações ou outro tipo de acção participativa, mais parecida com aquilo que procura caso conclua que este não é o seu lugar.

Quando uma pessoa está a dar os primeiros passos como voluntária e não tem experiência anterior, devemos

dedicar-lhe mais tempo para a ajudar a situar-se, a resolver dúvidas, a sentir-se apoiada, o que nos leva a estar «mais perto» dela. O nosso papel é «cuidar» dela. A pessoa precisa de se situar, de conhecer a filosofia, os objectivos, as pessoas, as tarefas, a realidade, a organização... Seguramente já passámos por isso e, se olharmos para trás no nosso percurso como voluntários, veremos que este momento nos acontece a todos (podemos retomar o exercício da linha da vida proposto no ponto 3.2).

À medida que a pessoa se vai envolvendo, vai ganhando autonomia, assumindo responsabilidades, riscos, equívocos, mas continua a precisar do apoio do animador, embora de maneira diferente. Precisa da sua experiência para reflectirem juntos e aprender. Pode ser atingida por uma sensação de fracasso:

- Se, iludida, pensava que a actividade de visita a um museu serviria para motivar os jovens e acaba por se aperceber de que não era o mais adequado por que não lhes suscita interesse...
- Se, depois de várias reuniões com a presidente da câmara, chega à conclusão de que continuam como no princípio... mas precisa de aprender com a experiência, pois as doses de ligeira frustração irão transformar-se em aprendizagem.

O animador deve deixar fazer para que o voluntário ou a voluntária possa aprender. No entanto, devemos obviamente ponderar este «deixar fazer», não pretendemos prejudicar nem as pessoas do grupo em questão nem o próprio voluntário.

Nada disto é fácil. Por medo, falta de confiança ou por outros motivos, podemos cair no extremo «paternalista» ou no «deixar fazer» sem medir as consequências. O animador tem de estar sempre a aprender.

Além disso, chega o momento em que um voluntário é capaz de assumir uma responsabilidade com plena autonomia na associação, num projecto concreto: responsabilizar-se por um *workshop*, pela coordenação da formação, pelas campanhas de sensibilização, pela procura de recursos,... Neste momento, a presença do animador é necessária para ajudar a «não perder o norte». *Ao centrarmo-nos em algo concreto, podemos perder a visão do global, do sentido e das metas, do critérios gerais de actuação. Por conseguinte, o animador tem de estar presente para ajudar a ver para além do imediato*. Gradualmente, o voluntário vai adquirindo um sentido crítico e uma auto-confiança que o levam a propor mudanças, a ver e a propor outros caminhos que implicam uma revisão das metas e da forma de trabalhar. Este é um bom indicador para o animador, que vai vendo o fruto do seu acompanhamento e do deixar-se acompanhar. Chega então o momento de verificar que não é indispensável e que fez um bom trabalho.

3.6 _ACOMPANHAR A PESSOA PARA CONSTRUIR O GRUPO

COMO TEMOS vindo a ver, o acompanhamento é feito para a pessoa enquanto indivíduo, num espaço informal, no âmbito do grupo, em momentos e com modos de estar diferentes. *Embora seja «na pessoa» que o animador ou animadora centra a sua atenção, este esforço estende-se para além disso, o que lhe permite ir construindo o grupo, a presença pública, o tecido social.*

Ao acompanhar a pessoa, ajudamo-nos mutuamente a dotar-nos de referências, de sentido, de segurança, de confiança, de liberdade, de amor.

Num grupo, isto multiplica-se para além da soma dos seus elementos. O grupo, enquanto tal, tem um potencial diferente daquele com o qual os indivíduos podem contribuir separadamente. Há algo que acontece no grupo, nas relações que se estabelecem entre as pessoas e entre estas e o ambiente, que o torna num ser particular e num sujeito único.

Os grupos de voluntariado, as associações, etc., não são espaços naturais; pelo contrário, surgem de forma intencional e optamos por nos ligar a eles. Para nós, transformam-se em espaços de pertença, em lugares de estabelecimento de laços. Isto significa que temos uma certa ânsia, ou mesmo a plena convicção, de trabalhar com outros para atingir determinadas metas. Contudo, isso não significa que tenhamos necessariamente consciência de grupo, do colectivo.

O trabalho de equipa não é propriamente popular na nossa sociedade e, à medida que se desenvolve a participação social, o peso do colectivo tal como o conhecíamos está a desaparecer e a dar lugar a algo diferente (um exemplo concreto é o movimento antiglobalização).

Na animação do voluntariado devemos estar atentos a estas mudanças e subtilezas. O facto de pertencer a uma organização não significa que todos pensemos e vivenciemos a realidade e as metas da mesma forma.

O colectivo é algo a construir na acção voluntária, porque «a construir» são os significados e o sentido do que fazemos. Muitas vezes sucede que o potencial de um grupo não chega a tornar-se realidade porque não partimos de um ponto comum. Por exemplo, podemos estar a falar do mesmo tema, a utilizar as mesmas palavras, mas a referir-nos a coisas diferentes, acabando por não falar do mesmo.

Podemos apresentar muitos exemplos a vários níveis:

_ Numa associação, os voluntários podem dedicar uma ou várias reuniões à preparação do trabalho dos meses seguintes. Numa delas, concordam em realizar uma campanha de sensibilização da sociedade para a angariação de mais voluntários. Não chegamos a acordo sobre o modo de concretização, a mensagem a transmitir, quem irá participar, etc. No fundo, o que talvez aconteça é que nem todos interpretemos sensibilização ou mesmo voluntariado da mesma forma. Ou então não fazemos ideia se o que queremos é que haja mais voluntários em geral ou na nossa associação em particular.

_ Noutras ocasiões, discutimos se devemos ou não participar na Feira do Voluntariado e, após muitas discussões, percebemos que a ideia de participação não é igual para todos.

_ No caso das plataformas de voluntariado, onde se misturam diversas associações e organizações com campos de acção diferentes, as linguagens podem ser ainda mais confusas. Não nos apercebemos de que a nossa dificuldade é precisamente essa e que deveríamos, por exemplo, reformular as plataformas em função de temáticas de acção e não da territorialidade, excepto para questões comuns.

_ Também é possível que, ao falarmos de formação no âmbito da programação da formação do voluntariado, estejamos a referir-nos a coisas diferentes: cursos, cursos para aquisição de competências, cursos específicos, formação a partir da reflexão sobre a nossa acção, etc.

PENSA que isso já aconteceu alguma vez no seu grupo?

COLECTIVIZAR *não significa que tenhamos de pensar da mesma forma (isso seria homogeneizar o pensamento, anular e impor), mas que devemos explicitar o implícito, sem tomar nada por garantido. Colectivizar é ir formando a consciência colectiva, discutindo, reflectindo e chegando a consensos para sabermos onde estamos, onde queremos ir, como o fazer e concretizar:*

«Os voluntários são actores locais capazes de iniciativas que promovem a acção conjunta..., o voluntário une-se essencialmente à acção colectiva e o seu lema é dar vida à cultura cívica e à mobilização de novos actores... mas o seu segredo está no próprio movimento que suscita, na iniciativa que provoca, na acção partilhada que convoca[15]».

Ou seja, colectivizar não só as nossas reflexões, mas também as nossas experiências e utopias. Isto implica a criação de espaços onde possamos encontrar-nos e, a partir da relação, reconstruir significados para dar sentido ao que vivemos e para que o que vivemos tenha sentido. Aqui surge o colectivo que tece e fortalece o tecido social.

(15) Joaquín García Roca (2001): *Caminar juntos con humildad. Acción colectiva, relaciones sinérgicas y redes solidarias*. Colecção «Pensamiento en acción», Cáritas Española. Madrid. p. 9

4.
ACOMPANHAR EXIGE RECURSOS

«A quem disse que tudo está perdido, eu venho oferecer o meu coração»

FITO PAEZ

«A esperança precisa da prática para se tornar concretude histórica»

P. FREIRE

4.1 _A PRÓPRIA PESSOA DO ANIMADOR

SENDO o acompanhamento um compromisso com o outro, uma forma de estar e de ser através da relação, o principal recurso de que dispomos somos nós próprios, com tudo o que somos:

> «*Gosto de ser... pessoa porque não é tomado como certo, inequívoco, irrevogável que sou ou serei honesto, que mostrarei sempre gestos puros, que sou e que serei justo, que respeitarei os outros, que não mentirei escondendo o seu valor porque a inveja da sua presença no mundo me incomoda e me enche de raiva. Gosto de ser... pessoa porque sei que a minha passagem pelo mundo não é algo predeterminado, pré-estabelecido. Que o meu «destino» não é um dado adquirido, mas algo que precisa de ser feito e de cuja responsabilidade não posso fugir. Gosto de ser pessoa porque a História em que me faço com ou outros e em cuja feitura participo é um tempo de possibilidades e não de determinismo*[16]».

Como diz Freire, o que sou *é algo em construção, um caminho, um itinerário, não sou um ser acabado e, obviamente, nem o é a pessoa que acompanho*. Esta maravilhosa realidade é o que nos permite não só acompanhar o outro, como também ajudá-lo a «dar um salto em frente».

(16) P. Freire (1988): *Pedagogía de la autonomía*. SXXI, Madrid. p. 52

É isto que pomos em jogo quando falamos da dimensão educativa, da possibilidade de ajudar o outro a dar esse salto e a cair na profundidade do ser pessoa. Num sistema social que nos torna «cegos», «surdos», «mudos», o próprio animador torna-se pessoa no acompanhamento.

Neste sistema sem sentidos, o animador precisa de recuperar aqueles que lhe pertencem:

_ A visão, para ver a possibilidade;

_ A audição, para ouvir sem preconceitos;

_ O tacto, para poder estar mais perto ou mais longe, para ceder espaços, responsabilidades e autonomia;

_ O paladar, para saborear, celebrar, partilhar o momento do quotidiano, a dor, a alegria;

_ O olfacto, para intuir o lugar e o momento, os espaços e os gestos;

_ E ainda outro, o sentido do «despertador», aquele «trrrim» que nos ajuda a tomar consciência.

Tudo isto requer um esforço de atenção, de aprendizagem com a experiência, de leitura, de conhecimento de si mesmo, de aquisição de competências para uma relação de ajuda: empatia, escuta activa, aceitação incondicional, autenticidade[17]. Do mesmo modo, implica viver com consciência e compromisso, sabendo que se não sou livre não posso amar e se não amo não posso comprometer-me.

4.2 _A REALIDADE

ENQUANTO animadores, somos mediadores entre os voluntários e a acção realizada num determinado contexto. A própria realidade é um recurso para poder acompanhar os voluntários em equipa ou individualmente. Na maior parte dos casos em que ouvi falar de formação para o voluntariado, os cursos surgem como a única alternativa. Muitas vezes, o animador também refere que não consegue disponibilizar tempo para acompanhar, porque diz que as reuniões são para formar, tomar decisões em relação a um problema ou planear.

Mas algumas vez nos perguntamos se estamos a centrar-nos na questão adequada? Trata-se de adicionar mais tempo ou de organizar o que temos partindo de uma percepção diferente da formação e das reuniões com os voluntários?

(17) Para ajudarmos a desenvolver estas competências, podemos consultar o material de trabalho elaborado por J. C. Bermejo e A. Martínez: *Relación de ayuda, acción social y marginación.* Centro de Humanización de la Salud. Madrid, 1997.
Podemos adaptar os exercícios propostos para serem trabalhados individualmente, com outros animadores ou mesmo com a equipa de voluntários/as.

Muitos voluntários queixam-se das reuniões: ou não perceberam tudo, ou até perceberam mas depois não sabem como aplicar o que ouviram nas suas tarefas, ou vão porque têm de ir mas pouco mais, ou sentem-se ignorantes porque não aprenderam, ou não lhes deram a «receita» para uma situação concreta...

Vivemos «encaixotados» e a fazer «caixas» da nossa vida; com isso afastamo-nos mais da realidade, da possibilidade de conhecer e compreender o que se está a passar, de chegar à raiz dos problemas, para poder definir a nossa acção de forma mais adequada.

A realidade convida-nos a fazer perguntas, «existe sempre uma razão escondida em cada gesto», canta Serrat, e é através da pergunta sobre o que vivemos e fazemos que podemos aprender.

Acompanhar a partir da realidade implica recuperar o método acção/reflexão/acção, conhecido há já muito tempo nos âmbitos da participação e da acção social.

Pensar sobre o que fazemos conduz-nos a uma revisão constante da vida da nossa acção voluntária, o que nos leva a definir novas estratégias, métodos, objectivos que, por sua vez, nos levam novamente a fazer. Assim sucessivamente vamos aprendendo com a própria realidade social e connosco próprios. Isto é formação, uma formação que nos permite acompanhar a vida a partir da vida, do outro. O que não nasce daí perde o sabor, o cheiro, é artificial porque não nos toca, porque não nos envolve, porque não me relaciona, porque não vai comigo, porque me dá respostas pré-fabricadas sem me deixar experimentá-las...

É deste modo que a realidade se transforma em recurso para o acompanhamento. Se analisarmos os itinerários apresentados no ponto 3 do presente documento, podemos aperceber-nos das situações vividas pelos voluntários e voluntárias, da necessidade que têm de se questionarem e de encontrarem respostas sobre aquilo que estão a viver: o cancelamento de actividades previstas com jovens, a dificuldade de aprendizagem das crianças nas actividades de apoio escolar, enfrentar a dor de uma pessoa doente e sem esperança, a situação das pessoas que foram presas e com quem ninguém parece importar-se, o querer ajudar alguém a combater a solidão, a dedicação que já não dá sentido à vida porque os tempos mudaram...

COMO animador ou animadora, que solução proporia para enfrentar estas situações com a equipa ou com outros animadores? De que forma prepararia uma reunião com a sua equipa para acompanhar algum dos itinerários vistos? Escolha o que mais se aproxima de uma situação que conheça pessoalmente.

Podemos acompanhar a partir da realidade. A animação na acção voluntária não deve domesticar, mas sim tornar-se libertadora, devolvendo assim à pessoa a sua dimensão política: «a afirmação de que «as coisas são assim porque não podem ser de outra forma» é odiosamente fatalista, visto decretar que a felicidade pertence unicamente aos que têm poder. Os pobres, os desfavorecidos, os excluídos estariam destinados a morrer de frio, não importa se no Norte ou no Sul do mundo. Se o poder económico e político dos poderosos despoja os mais fracos dos mínimos espaços de sobrevivência, não é porque é assim que tem de ser. É preciso que a fraqueza dos fracos se transforme numa força capaz de restaurar a justiça. Para isso é necessário rejeitar definitivamente o fatalismo. Somos seres de transformação e não de adaptação[18]».

4.3 _O ITINERÁRIO EDUCATIVO

NESTA proposta de animar acompanhando, podemos perder-nos facilmente se não tivermos experiência suficiente ou se não conhecermos o mapa do território onde nos vamos movimentar. É essa a função do itinerário.

Depois de muitos anos de experiência de trabalho a animar e a acompanhar o voluntariado, surge o itinerário como um elemento estruturado que nos dá as chaves para responder às necessidades que vão surgindo nos diferentes momentos da acção voluntária. Conhecer este elemento(19) irá ajudar-nos a identificar essas necessidades e facilitar a resposta ao voluntariado: sensibilização, acolhimento e orientação, integração na acção, familiarização com a mesma, participação no conjunto da actividade e na estrutura da organização.

Além disso, irá ajudar-nos a organizar os elementos de apoio para tornar possível este acompanhamento: equipas, rede de animadores, etc.

4.4 _A REDE DE ANIMADORES

O ACOMPANHAMENTO do voluntariado é uma tarefa complexa que, por sua vez, também deve ser acompanhada. Nas associações e organizações de voluntariado, quando os voluntários estão distribuídos por diferentes acções, torna-se necessária a presença de vários animadores ou animadoras.

(18) P. Freire: *A la sombra de este árbol*, El Roure. Barcelona. 1997 p. 26
(19) Sugerimos a consulta das seguintes publicações: - *Somos Andando. Itinerario educativo y animación del voluntariado*, Caritas Española. 1999;
- Luis Aranguren Gonzalo: *Los itinerarios educativos del voluntariado*, Colecção *A Fuego Lento*, n.º 1 PPVE, Madrid. 2001

O trabalho de animação implica igualmente a coordenação entre animadores e, mais do que a coordenação para gerir questões comuns a todo o voluntariado da organização, o trabalho em rede.

A rede permite contar com um espaço de encontro onde os animadores e animadoras podem reflectir em conjunto sobre as dificuldades que encontram no processo de acompanhamento: como organizar o acolhimento ou a formação inicial, como ajudar a integração dos voluntários nos projectos, etc. Não basta reflectir sobre as dificuldades, é também necessário encontrar alternativas em conjunto, apoiar os desânimos e celebrar os êxitos.

A rede de animadores é um meio que nos facilita o acompanhamento, na medida em que é um espaço de acompanhamento dos acompanhantes.

4.5 _A PRÓPRIA ORGANIZAÇÃO, ASSOCIAÇÃO, INSTITUIÇÃO

O ACOMPANHAMENTO do voluntariado não é algo que corresponda apenas a um animador ou animadora, mas sim a uma aposta de toda a organização. Digo que deve ser, porque neste momento não o é. A maioria das organizações desconhece esta necessidade ou, mesmo que a conheça, resolve-a encarregando alguém dessa tarefa. No entanto, isso não é suficiente.

A opção do acompanhamento do voluntariado leva, em muitos casos, a uma reformulação do funcionamento da organização. A coerência entre a sua acção e as suas metas, entre as suas práticas e o modelo de voluntariado e solidariedade promovido no seu discurso.

Por muito que um animador queira acompanhar, não poderá fazê-lo se não o deixarem. Acompanhar o voluntariado implica, como já referido, uma consciência crítica para que um movimento participativo se torne transformador.

Neste sentido, a participação transformadora não ocorre apenas no exterior, na sociedade, esse sujeito muitas vezes ambíguo e sem rosto, mas também dentro da própria organização, afectando as suas estruturas, os seus projectos, o seu papel social... O que queremos dizer é que a organização que opta pelo acompanhamento permite que os animadores acompanhem, mas esta opção implica que esteja aberta a questionar-se a si própria de um

ponto de vista ético (agora é possível contar com um instrumento útil neste contexto, nomeadamente o Código Ético das Organizações de Voluntariado*, elaborado pela Plataforma do Voluntariado de Espanha- PVE).

Por conseguinte, o acompanhamento do voluntariado não atinge apenas o animador, acabando realmente por implicar todos. A consciência deste facto ajuda o animador a ir trabalhando com os olhos postos neste horizonte e, do mesmo modo, a consciencializar também os próprios voluntários para esse fim.

* Nota do Editor: O Código Ético das Organizações de Voluntariado foi elaborado e subscrito formalmente por todas as entidades membros da Plataforma do Voluntariado de Espanha, em 2000. Este código pretende ser um instrumento de reflexão e formação para a acção, onde se estabelecem a definição e fins das organizações de voluntariado, bem como os princípios que orientam o relacionamento destas organizações com os destinatários da acção voluntária, voluntários, organizações congéneres, organismos públicos, organismos privados e a com a sociedade em geral.

5.
OUTRAS PROPOSTAS PARA CONTINUAR A APROFUNDAR

1 _TECER OS NOSSOS DESAFIOS

a) Objectivos

_ Estabelecer uma relação entre as propostas deste documento e a experiência pessoal de acompanhamento.

b) Desenvolvimento

Para trabalhar individualmente ou em grupo com outros animadores de voluntariado ou com o grupo de voluntários e voluntárias que acompanha. É importante ter por perto um quadro branco ou de papel para anotar as intervenções do grupo ou um caderno para escrever as reflexões pessoais.

_ Leia os textos que apresentamos de seguida.

JANELA SOBRE OS CICLOS

«O povo, feito de milho, faz o milho. O povo, criado com a carne e as cores do milho, cava um berço para o milho e cobre-o de terra boa e tira-lhe as ervas daninhas e rega-o e fala-lhe com palavras de ternura. E quando o milho está crescido, o povo de milho tritura-o sobre a mó e enaltece-o e aplaude-o e deita-o no amor do fogo e come-o, para que, no povo do milho, o milho continue a caminhar sem morrer sobre a terra».

Las palabras andantes, EDUARDO GALEANO.

FAÇAMOS UM ACORDO

«... se alguma vez/ reparar
que a olho nos olhos/ e um brilho de amor
reconhecer nos meus/ não prepare os seus fuzis
nem pense que deliro/ apesar do brilho
ou talvez porque existe/ pode contar
comigo
se outras vezes/ me vir
arredio sem motivo/ não pense que é fraqueza
pode continuar a contar/ comigo...
...mesmo que seja até dois/ mesmo que seja até cinco
... contar comigo».

Inventario. Poesía 1950-1985, M. BENEDETTI.

_ O que lhe sugerem em relação ao acompanhamento? Associe-lhes uma imagem que tenha a ver consigo, com a sua experiência: uma recordação, uma situação, uma pessoa.

_ Que ideias, frases, palavras constantes do presente documento relacionaria com estes textos? Seleccione algumas delas.

_ Discuta-as com os seus colegas de grupo ou reflicta individualmente sobre as mesmas.

_ Em que aspectos está o grupo de acordo? Quais os pontos de discórdia? Porquê?

_ Ao optar por animar acompanhando, tanto individualmente como em grupo, que desafios enfrentam tanto a pessoa animadora como as pessoas do grupo de voluntariado?

2 _NÃO VEJO, NÃO FALO

a) Objectivos

_ Aprofundar o elemento-chave relacional do acompanhamento.

b) Desenvolvimento

Através de uma dinâmica já conhecida, vamos continuar a aprofundar a essência do acompanhamento, a relação. Contudo, não vamos perder de vista o que a torna educativa.

A pessoa que orienta a sessão deve ir tomando nota do que o grupo vai dizendo, de preferência num quadro.

_ Trabalhando em pares, uma pessoa adopta o papel de cega e a outra de guia.

_ Devem fazer um percurso durante cerca de 8 minutos. A partir desse tempo, controlado pelo orientador da sessão, os participantes trocam de papel durante outros 8 minutos. Decorrido este tempo, regressam à sala onde se encontravam.

Seguem-se algumas perguntas que podemos fazer-nos para partilhar a experiência:

_ Como nos sentimos quando fazíamos de cegos e quando fazíamos de guia.

_ O que pensamos desta experiência?

_ O que tem a ver com o acompanhamento?

_ Que elementos consideramos educativos? Têm a ver com o que lemos neste documento?

_ Que conclusão podemos retirar? O que é que aprendemos?

Numa variante desta dinâmica, a pessoa que faz de guia não pode falar. Neste caso, deve buscar uma forma de comunicação alternativa, a qual não deve ser combinada previamente, mas sim criada durante o percurso a realizar.

6.
UM VOCABULÁRIO PARA NOS ENTENDERMOS MELHOR

- **Fazer com sentido**: no campo da acção voluntária, significa comprometer-me com aquilo que compreendo e com aquilo que sinto que quero, que me envolve, em que acredito e com que sonho. Tem a ver com as minhas experiências e a minha história, devendo colocar-me um desafio de crescimento pessoal, coerente com os valores e princípios que me constroem e que formam uma sociedade humanizante e integradora.

- **O quotidiano**: no contexto do voluntariado, refiro-me aos momentos, lugares e relações que se estabelecem através da acção voluntária e que nos permitem aproveitá-los para acompanhar.

- **Aprender:** mais do que adquirir conhecimentos ou armazenar informação, tem a ver com cultivar e desenvolver as nossas capacidades: intelectual, emocional, física, espiritual, de relação com outros e com o mundo físico e natural. Isto significa, entre outras coisas: compreender, reflectir sobre causas e consequências, criatividade para procurar alternativas, tomar decisões, assumir responsabilidades, enfrentar problemas, expressar-nos e comunicarmos, sensibilidade, empatia, amor incondicional, ver para além do imediato, respeito, aceitação, perdão...

7.
BIBLIOGRAFIA COMENTADA

– ERICH FROM: *¿Tener o Ser?* Fondo de Cultura Económica. Madrid, 1999

O autor faz uma análise dos dois modelos básicos de existência: ser e ter. De uma perspectiva social e histórica, apresenta os elementos que, a seu ver, influenciaram a configuração do modelo Ter, com base no qual vivemos actualmente. Propõe a busca de um modelo de sociedade alternativo e a formação de um «homem novo».

– ERICH FROMM: *El arte de amar.* Paidós. Barcelona, 2000

Neste livro podemos encontrar uma reflexão interessante e esclarecedora sobre o Amor e as suas diferentes formas. Propõe que o amor é uma arte e que, como tal, deve ser cultivado, desenvolvido e, sem dúvida, requer aprendizagem.

– DAVID RICHO: *Cómo llegar a ser un adulto*, Desclée de Brouwer, Bilbao, 1998

É um livro simples que contribui com elementos-chave para aprofundar e reforçar a maturidade pessoal: medo, raiva, culpa, valores, auto-estima, amor incondicional... Apresenta ainda algumas sugestões de trabalho individual para desenvolver estes elementos.

– PAULO FREIRE: *A la sombra de este árbol.* El Roure. Barcelona, 1997

Neste livro encontramos um Freire maduro, que já viveu muito e intensamente e que expõe o seu pensamento político-educativo com transparência e convicção. A sua obra está repleta de reflexões que propõem a construção do ser humano como pessoa, assim como uma forte crença na possibilidade de mudança.

FICHA TÉCNICA

Título Original
Acompañamiento en la acción: La figura del animador o animadora de voluntariado
2ª edición
Colección A Fuego Lento

Autor
Jully Rodríguez Rodríguez

Edição Original
Plataforma del Voluntariado de España

Edição Portuguesa
Fundação Eugénio de Almeida

© Desta Edição
Fundação Eugénio de Almeida

Tradução
SintraWeb, Informática e Serviços, Lda

Design Gráfico
MindImage Design, Lda

Impressão
PERES-SOCTIP - Indústrias Gráficas S A

Tiragem
1000 exemplares

ISBN
978-972-8854-36-2

Depósito Legal
305177/10

Janeiro 2010

PLATAFORMA
DEL VOLUNTARIADO
DE ESPAÑA

Fuentes, 10 - 1.ª Izda., 28013 Madrid
Telef: +34 91 541 14 66 | Fax: +34 91 541 14 21

info@plataformavoluntariado.org
www.plataformavoluntariado.org

FUNDAÇÃO
EUGÉNIO
DE ALMEIDA

Páteo de São Miguel, Apartado 2001, 7001-901 Évora
Telef: +351 266 748 300 | Fax: +351 266 748 349

geral@fea.pt
www.fundacaoeugeniodealmeida.pt

02

ACOMPANHAMENTO NA ACÇÃO

A chave educativa dos itinerários do voluntariado exige a criação da figura do animador ou animadora do voluntariado. Esta animação desenvolve-se praticando a arte do acompanhamento personalizado. E o acompanhamento estende-se a todas as áreas, de tal modo que as próprias organizações podem ver afectadas as suas práticas habituais. Isto implica perda de poder e de controlo; no entanto, é uma oportunidade para tornar real a participação e o exercício da cidadania. É um indicador, um sintoma da saúde da nossa organização, de que os processos estão a ser realmente transformadores.

Eugénio de Almeida
FUNDAÇÃO
EUGÉNIO
DE ALMEIDA